



Subjetividade e Redes Sociais na Internet: Problematizando as novas relações entre estudantes e professores na contemporaneidade

Ana Paula Freitas Margarites

anamargarites@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação -
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Pelotas - RS - Brasil

Rosária Ilgenfritz Sperotto

ris1205@gmail.com

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação -
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Pelotas - RS - Brasil

Resumo: A reflexão aqui apresentada se dá a partir de uma pesquisa realizada em 2010, que buscava acompanhar as interações - através de blogs, Twitter e Facebook - entre professor e estudantes dos cursos de Bacharelado em Design Gráfico e Digital da Universidade Federal de Pelotas. A metodologia referencia-se na cartografia, abordagem que problematiza os ideais de cientificidade, possibilitando outra aproximação com os “achados” do estudo. Considera-se que as redes operam não só como extensão da sala de aula, mas possibilitam aprendizagens com referências de tempo e espaço diferentes dos instituídos, viabilizando outros modos de ser estudante e professor.

Palavras-chave: redes sociais na internet, subjetividade, cartografia.

Subjectivity and Social Networks on the Web: Discussing the new relationships between students and teachers in the contemporary

Abstract: The discussion presented here comes from a survey conducted in 2010, which aimed to monitor the interactions - through blogs, Twitter and Facebook - between teacher and students of Bachelor in Graphic and Digital Design at Federal University of Pelotas. The methodology refers to cartography, an approach that questions the scientific ideal, providing another approach to the "findings" of the study. It is considered that the social media operate not only as an extension of the classroom, but also enable learning through different times and places, allowing the emergence of other ways of being a student and teacher.

Palavras-chave: social media, subjectivity, cartography.

1. Início de um Percurso

A reflexão apresentada neste artigo se dá a partir de uma pesquisa realizada, no ano de 2010, que buscava acompanhar as interações, nas Redes Sociais da Internet, entre professor e alunos dos cursos de Bacharelado em Design Gráfico e Digital da Universidade Federal de Pelotas. O estudo problematiza acerca dos processos de produção de subjetividade engendrados nas interações que ocorriam nos Blogs das disciplinas, nos perfis no Facebook e no Twitter.

Ao privilegiar tal noção - a de produção de subjetividade -, busca-se aqui partir da ideia de um sujeito que já não corresponde mais ao sujeito clássico, de razão e de vontade, fonte de suas representações e de seus atos. Para tanto, este estudo busca inspiração no trabalho de Michel Foucault (2006, 2006b), Felix Guattari (1992), Suely Rolnik (2007) e Gilles Deleuze (1992), considerando que as subjetividades não são dadas, mais produzidas em diversas instâncias e geridas por uma infinidade de máquinas, constituindo-se incessantemente de forma intercambiável, mutante e múltipla. Uma vez que os modos de subjetivação modificam-se através da história, o sujeito que se produz hoje é diferente do que se produziu em qualquer outro momento histórico. Para Guattari (1999), não se pode deixar de considerar a “influência invasiva da assistência por computador” (p. 177), que, no entanto, não deve ser demonizada, uma vez que tais máquinas não passam de formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos da própria subjetividade. Assim, tanto professores quanto estudantes são atravessados e marcados por um dado contexto social que a todo instante define e redefine os papéis destes sujeitos e as relações entre eles.

Nesta linha de pensamento, coloca-se a seguinte questão: que sujeitos são estes, alunos e professores, que se formam e se transformam nas interações através das redes sociais da internet?

2. Percurso Metodológico

O desenvolvimento desta pesquisa envolveu elementos bastante heterogêneos. Primeiro, um grande levantamento bibliográfico, visando um aprofundamento significativo acerca dos principais conceitos abordados. Depois de um momento de mapeamento da bibliografia inicial, deu-se o trabalho de leituras e fichamentos, de acordo com as prioridades que foram sendo feitas e reconsideradas, à medida da necessidade de aprofundamento teórico.

A partir do estabelecimento de tais trilhas a serem traçadas, partiu-se para a etapa de coleta de dados no campo. O primeiro passo consistiu na aplicação de um questionário online, onde se buscou identificar os atuais usos dos sites de Redes Sociais por parte de alunos e professores dos cursos investigados. A partir de então, partiu-se para um acompanhamento das interações entre um professor (que já utilizava diversas ferramentas para comunicar-se online com seus alunos) e suas três turmas de estudantes (cada uma formada por cerca de 20 estudantes).

Neste ponto, surge a preocupação em identificar um “modo de olhar” que dê conta de compreender toda a complexidade da vida social online. Fazendo eco à consideração de Foucault (2008) quanto ao entendimento de que o método deve operar como “uma maneira de fazer o suporte das coisas girar pelo deslocamento de quem as observa” (p. 160), utiliza-se aqui a cartografia como prática para conhecer o campo estudado.

Deleuze e Guattari (1995) não estabelecem e a cartografia como um método de pesquisa com etapas estanques e procedimentos a serem seguidos, mas como um modo de olhar que questiona o modelo dominante de produção de saberes. Neste sentido, utiliza-se aqui a cartografia não como um conjunto de procedimentos, mas principalmente como um modo de abordar os “achados” desta pesquisa. Tal escolha foi feita ao perceber-se que a cartografia permite aproximações diferenciadas do campo e por estar aberta aos movimentos, aos desvios, às desconstruções, à diversidade, ao novo e à percepção de aspectos que não seriam apreendidos de modo satisfatório por um olhar formalista.

Suely Rolnik (2007) define o trabalho do cartógrafo como sendo o de “dar língua para afetos que pedem passagem” (pg. 65). Para a autora, o cartógrafo é alguém que está necessariamente mergulhado nas intensidades do tempo em que vive e, “atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago” (pg. 66). Torna-se necessário, neste processo, não ter “o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo”; por isso, o pesquisador serve-se das fontes mais diversas; aportes teóricos, *posts* em blogs, músicas, *tweets*, filmes, conversas. “Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (pg. 65).

Virginia Kastrup (2007) considera que o método cartográfico trata de processos construídos durante a sua efetuação, ou seja: não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim, mas construir um caminho de acordo com as demandas e necessidades que surgem no decurso dos acontecimentos e dos efeitos das proposições nos corpos dos sujeitos. Cabe ao cartógrafo captar as forças que se exercem neste campo e dar-lhes visibilidade. Assim, o que importa é absorver materiais de qualquer procedência e utilizar estratégias que possam servir para cunhar matéria de expressão e criação de sentidos.

Por que, ao cartógrafo, interessam tais movimentos? Por que a intenção do cartógrafo é, justamente, “participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade” (ROLNIK, 2007, pg. 66). E estas constituições se tornam visíveis, cartografáveis, justamente através destes fragmentos que constituem uma paisagem que chega aos nossos olhos, ouvidos e peles. Ao observar o constante desenho e desmanchamento de mundos, passa a ser possível cartografar paisagens psicossociais, mundos que se criam para expressão de novos afetos.

Deleuze e Guattari (1997) sublinham que a cartografia é uma performance que comporta elasticidade e ritmos num processo de produção do conhecimento. Nem objetivismo nem subjetivismo, mas um método de autoprodução. Pode-se dizer que a busca do cartógrafo-pesquisador em campo está em colocar-se à espreita por meio do olhar, do fazer, do narrar, na busca de sentidos e expressão de singularidades a cada momento, a cada manifestação, a cada nova experimentação. O que define o cartógrafo é tão somente um tipo de sensibilidade, sempre procurando inventar procedimentos adequados ao contexto em que se encontra. A cartografia impele o investigador na busca de elementos para a composição dos seus mapas, levando-o a percorrer paisagens em formação e a utilizar fontes de várias origens. A compreensão se dá no atravessamento das intensidades e na invenção de pontes. O cartógrafo está sempre em busca de quaisquer elementos que possam fornecer pistas, rastros que possam vir a compor suas cartografias, e que respondam à pergunta: que sujeito é este?

3. Entrada em Máquina da Subjetividade: Os sites de Redes Sociais na Internet

Ao entender a subjetividade como um fluxo contínuo de modos de existir fabricado no entrecruzamento de instâncias sociais, técnicas, institucionais e individuais (Guattari, 1998), radicaliza-se o entendimento das possibilidades de constituição de modos de ser. Assim, é possível considerar que todos os sujeitos e coletivos humanos, todas as tecnologias, instituições e produtos culturais produzem subjetividades, que nunca são “dadas” ou “acabadas”, mas sempre um *processo*. Assim, entende-se que os diversos espaços por onde circulamos e os grupos com quem convivemos nos “produzem”, a todo momento, como um determinado tipo de sujeito. No espaço viabilizado pela Universidade, tais sistemas produtores de subjetividade fabricam

sujeitos que atendem a determinadas demandas, levando-os a desenvolverem um conjunto de habilidades técnicas, repertórios culturais e demais ferramentas que serão utilizados em seu exercício profissional. Dentro de uma série de dispositivos que produzem novos modos de ser estudante na contemporaneidade, destaca-se aqui a importância que a internet vem tomando neste contexto.

Além dos dispositivos “clássicos” de produção de subjetividade – escola, trabalho, empresa, família, etc – nos confrontamos hoje com outros dispositivos que, a todo momento, fabricam novos modos de ser: as redes sociais na internet.

A metáfora da “Rede Social” tem se popularizado muito na contemporaneidade, aparecendo principalmente associada aos Sites de Rede Social, projetados (ou utilizados desta forma pelos usuários) com a finalidade de facilitar a visualização e manutenção de conexões sociais. Na contemporaneidade, o estabelecimento de redes de comunicação passa a ser “um objetivo de utilidade pública e uma garantia de felicidade material” (Musso, 2010, p. 26). A Internet surge como uma utopia da associação universal pelas redes de comunicação, promovendo a ideia de um sistema não-hierárquico, universal.

A rede indica um futuro libertador, ela é uma promessa de uma circulação generalizada e libertadora de fluxos de informação e das ondas econômicas. (...) Suas duas imagens originais são redescobertas: a que agita seus bajuladores, da livre circulação generalizada das informações, significando democracia e transparência da “sociedade de informação”, e a evocada por seus detratores, de controle e da vigilância generalizada (MUSSO, 2010, pg. 35)

Por Site de Rede Social, entende-se aqui uma forma de comunicação mediada pelo computador que permite a “visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço offline.” (Recuero, 2009). Deste novo sistema de referência, destacam-se alguns elementos que servem como pontos de entrada de uma cartografia a ser desenhada. No caso específico do corpus desta investigação, despontam as novas relações com o espaço e o tempo e também os novos modos de compartilhamento possibilitados pelas redes. As interações aqui apresentadas foram observadas em três diferentes sites de redes sociais: Twitter¹, Facebook² e Tumblr³. Alguns “achados” no campo de pesquisa são apresentados a seguir.

4. Novas Relações com o Espaço e o Tempo

Nas situações observadas na pesquisa, percebe-se que a crescente importância do ciberespaço na vida dos estudantes de design investigados tem transformado a maneira como eles se relacionam com o tempo e com o espaço.

Em relação ao espaço, percebe-se que, enquanto se dá uma dissolução das distâncias geográficas – no sentido de que é possível, para estes estudantes, entrarem em

¹ O Twitter é um serviço para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets").

² O Facebook é um website de relacionamento social lançado em fevereiro de 2004 por um estudante de Harvard, interessado em criar uma rede onde os estudantes podem conhecer colegas.

³ Tumblr é uma plataforma para criação e manutenção de blogs que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, links, citações e áudio.

contato com realidades absolutamente diferentes daquelas à qual estariam expostos sem a Internet –, também há uma necessidade de “localizar” sua presença na rede. Em seus perfis no Facebook, os estudantes identificam-se como residentes da cidade onde estão, e também referem-se à própria internet como um espaço que frequentam: “Estou na Internet”, “Entrei no Twitter”, “Fiquei na internet até 2 da manhã” são algumas das expressões recorrentes nas manifestações destes estudantes. De fato, quando “estão na internet” estão ocupando um espaço onde interagem e sociabilizam – assim como fazem na Universidade e em outros lugares. No entanto, ao “estarem na internet” estão em espaço onde as diferenças geográficas e temporais perdem importância, como no seguinte diálogo pelo Twitter:

@estudante: já tem as notas?

@professor para @estudante: já. mas quero falar com "ustedes" pessoalmente, como fiz com a turma de hoje. guentem as pontas até terça. :)

O Twitter é uma plataforma de *micro-blogging* na qual os usuários são convidados a responderem a pergunta “O que está acontecendo?” em até 140 caracteres. No Twitter, é possível criar uma página e “seguir” e “ser seguido” por outros usuários. Cada usuário do Twitter tem suas mensagens publicadas para seus seguidores. As mensagens que citam o nome de um usuário, precedido por uma “@”, viram links que podem ser rastreados pelo usuário citado, tornando o Twitter uma ferramenta que não só possibilita a publicação de conteúdo, mas também o estabelecimento de conversações. O caráter instantâneo das informações e conversações que circulam pelo Twitter instauram uma outra concepção de movimento através do tempo; pode-se dizer que assim institui-se, necessariamente, uma outra possibilidade para operarmos com o conceito de espaço e de velocidade. Se o presente é o que se impõe e a aceleração predomina, o espaço reduz-se e ressignifica-se. Ou seja, através da “hiperconcentração do tempo real” (Virilio, 2000), há a imposição de agir à “velocidade da luz”, como fica inscrito no seguinte *tweet* do professor:

@professor e foi-se 2010/2. ou quase: correção de infográficos começando em 3, 2, 1...

Em outros diálogos através do Twitter, percebe-se também que a rede funciona como um alargamento do espaço e do tempo da sala de aula, possibilitando que novas aprendizagens e outros compartilhamentos continuem a surgir a todo instante:

@estudante para @professora: professora online, me dá uma luz? existe branco na pantone solid coated? :s

@professora para @estudante: perai. explica o que tu tá querendo, meu caro. email me.

Tais possibilidades, que estendem o tempo e o espaço da sala de aula, também instituem outro ritmo de trabalho a quem se atreve a explorá-las:

*@professora atenção alunos de D.I.: estou fechando as médias. em breve notas discriminadas no email. dúvidas, email me.
#designdainformação*

@estudante para @estudante2 e @professora: professora e seus anexos invisíveis! OPKAOPA que moderno

@professora para @estudante e @estudante2: dêem um desconto pra teacher cansada... hehehe já tá lá :)

Considera-se que os tempos e os espaços estendidos abrem campos de experimentação para problematizarmos diferentes possibilidades de estarmos compartilhando - ou seja, há hoje o engendramento de outros espaços de sociabilidade que, através das interações mediadas por ferramentas tecnológicas, permitem o surgimento de diferentes linguagens e hábitos.

5. Novos modos de Compartilhamento

Os sites de redes sociais oportunizam, aos sujeitos que interagem neste espaço de socialização, a possibilidade de utilizarem uma série de ferramentas de conexões e links que não estão diretamente e nem necessariamente conectadas com a ferramenta específica que está sendo utilizada. A partir de tal flexibilidade, cada pessoa pode criar as conexões que desejar, desde que haja compatibilidade entre tais suportes, possibilitando a partilha com os outros com quem se que entrar em conexão. Sendo assim, ferramentas e pessoas passam a constituir uma rede híbrida: um espaço no qual todo tipo de conhecimentos, crenças, desejos e atitudes podem associar-se de maneira livre.

Esta liberdade, no entanto, entra em conflito com outras questões importantes: ainda que nas redes a comunicação pareça fluir de forma horizontal, as relações de poder (Foucault, 1979) se manifestam através do "resguardo" dos sujeitos com relação a certos tipos de comentários:

@estudante O problema de seguir professor no twitter é que tu não pode xingar muito! Um abraço pro #professor pelos notões!

@professora para @estudante hahahahahaah! pode xingar. eu finjo que não li. ocá? ;)

Para os sujeitos desta investigação, o professor acreditou que poderia ser interessante criar um blog coletivo para cada uma das três disciplinas pelas quais era responsável à época da coleta de dados. Nestes espaços, professor e alunos teriam oportunidade de trocar ideias e referências, "continuando" as conversas de sala de aula e "amplificando-as" indefinidamente, a quem quisesse acompanhar.

Para a viabilização de tais blogs, o professor optou pela ferramenta que julgou a mais simples à disposição: o Tumblr, uma versão simplificada de ferramentas como o popular Blogger. Pelo seu formato e sua funcionalidade, o Tumblr facilita a publicação rápida de conteúdo já disponível na Internet; é possível adicionar um *plug-in*⁴ ao navegador utilizado pelo usuário, de forma que, sempre que se deseja publicar algum conteúdo (vídeo, texto, imagem), baste clicar em um botão onde lê-se “*share on tumblr*” (“compartilhar no tumblr”).

O Tumblr permite que você compartilhe qualquer coisa, sem esforço. Poste textos, fotos, citações, links, músicas e vídeos a partir do seu browser, seu telefone, seu desktop, email ou de onde quiser. Você pode customizar tudo, das cores ao html do seu tema.⁵

Mais do que favorecer a produção de conteúdo novo, o formato e as funcionalidades do Tumblr popularizam sua utilização enquanto *scrapbook*, um álbum de recortes, uma coleção de referências interessantes.

Entre os alunos, que receberam senhas para postarem à vontade nos blogs, a ferramenta fez grande sucesso: o Tumblr de uma das disciplinas (Projeto Gráfico I, oferecida ao Bacharelado em Design Gráfico) teve 178 publicações entre março e dezembro de 2010. Alguns estudantes que não conheciam o Tumblr acabaram criando o seu próprio após a experiência com a disciplina, e mesmo os blogs criados com fins didáticos continuam sendo alimentados mesmo após o fim dos semestres letivos em que foram criados. No caso do blog mencionado acima, 34 postagens foram feitas de agosto em diante, no segundo semestre do ano (quando a disciplina já havia sido encerrada).

Entre o material compartilhado nos Tumblrs das turmas, destacam-se as “continuações de conversas”: alunos e professor usam tal espaço como uma “nota à margem” da aula, compartilhando referências que se relacionam com o que foi discutido em aula.

“Mais informações sobre os chapbooks

Dos quais falamos na aula sobre capas de livros infantis. Dica da Estudante1. Cliquem nas imagens para ver a imposição das páginas nos cadernos.”

– Postado em <http://roginho.tumblr.com/> pela professora.

“Muitos livros infantis inteiros!

Váriooooos livros infantis de todo mundo e de todos os tempos!”

– Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante.

⁴ Na informática, um *plugin* é um programa de computador usado para adicionar funções a outros programas maiores, provendo alguma funcionalidade especial ou muito específica. Geralmente pequeno e leve, é usado somente sob demanda.

⁵ Tradução das autoras para “Tumblr lets you effortlessly share anything. Post text, photos, quotes, links, music, and videos, from your browser, phone, desktop, email, or wherever you happen to be. You can customize everything, from colors, to your theme's HTML.”, disponível em <http://www.tumblr.com/about>, acessado em 12 de Fevereiro de 2011.

Além das postagens diretamente relacionadas ao conteúdo da disciplina, aparecem outros compartilhamentos. Assim, surgem convites para festas do curso, chamadas para assembleias estudantis e links de referências relacionadas às outras disciplinas do curso, como nas publicações a seguir:

“TREG⁶

<http://www.isabelarodrigues.org/allillust.html>

artista que eu trouxe para aula de TREG, por favor comunidade, todo mundo colocando o link de quem trouxe! essa menina é formada pelo cefet em desenho industrial, e agora trabalha na santa motion em porto.

beijocas!”

- Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante.

“A quem interessar possa!

Curti bastante o vídeo quanto vídeo! Quanto propaganda, suuuper bem bolada. Espero que vocês também gostem e quem sabe... até pode surgir alguma inspiração para o trabalho de Fotografia.”

- Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante.

pra quem gosta de cinema :)

<http://www.idealixa.com/hitchcock-minimalista/>

beijo comunidade!

- Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante.

“INVENTÁRIO DO IR-REMEDIÁVEL

Colégas!

Agora numa pausa dos estudos para fumar um cigarro... me vieram a mente algumas sábias palavras do Caio Fernando Abreu, que ao meu ver, se encaixam perfeitamente no nosso momento vésperadeprovaperigosa! Fica então a dica - ou apenas a título de curiosidade! E só mais uma coisa, Caio também nos ensina: “os dragões não conhecem o paraíso“... ;)”

‘É preciso estar distraído e não esperando absolutamente nada. Não há nada a ser esperado. Nem desesperado.’

‘E tem o seguinte, meus senhores: não vamos enlouquecer, nem nos matar, nem desistir. Pelo contrario: vamos ficar ótimos e incomodar bastante ainda.’”

- Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante.

Os “compartilhamentos” supracitados mostram algumas das diferentes possibilidades, formas, hábitos, velocidades e conexões através das quais os estudantes relacionam-se com seu campo de estudo. Tais sujeitos não percebem sua formação profissional enquanto estanque e esquadrinhada em diferentes áreas de conhecimento, mas como uma rede, um rizoma onde todos os pontos podem levar a outros pontos.

⁶ A Sigla TREG refere-se à cadeira de Técnicas de Representação e Expressão Gráfica oferecida no Bacharelado em Design Gráfico.

Assim, sentem-se à vontade para apropriar-se e compartilhar todo tipo de “matéria” com inúmeras possibilidades de hibridações e conexões, sempre prontos a devorar o que lhes parece um novo elemento possível para a composição de seus singulares modos de vida.

6. Reflexões Finais

Considerando as questões observadas neste estudo, pensamos que as interações entre professor e estudantes nos sites de redes sociais na internet favorecem o surgimento de outros modos de “formar-se” enquanto sujeito, professor, aluno, profissional. As redes abrem espaço para novas formas de colaboração e compartilhamento, favorecendo o aparecimento de diferentes referências e modos de vida; ao mesmo tempo, o “estar em rede” imprime outro ritmo às vidas dos que se conectam, dissolvendo as relações geográficas e temporais que estabelecemos até então.

Entre tantas modificações, nos cabe ainda indagar: em meio à produção massiva em nível mundial de certos modos de ser, é possível pensar em produzir subjetividades singulares, que escapem às modelizações dominantes neste mundo hiperconectado?

Percebe-se aqui que os estudantes em questão têm uma relação diferenciada com seus colegas, professores e seu próprio processo de formação. Enquanto ser designer é uma profissão “solitária”, os estudantes praticam sua formação de forma coletiva, dividindo suas referências e sua produção com os colegas e com quem mais se interessar por tomar parte neste processo.

A uma determinada máquina de produção de subjetividade, se opõe a ideia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de “processos de singularização”, uma recusa aos modos de vida preestabelecidos: inventar outros modos de sensibilidade, de relação com o outro, de criatividade, produzindo uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos. Talvez as redes, ao mesmo tempo em nos impõem determinados modos de ser, também nos ofereçam brechas para que possamos nós próprios fabricar outros modos de ser: afinal de contas, é sempre possível atrever-se a singularizar.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia - Vol. 1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs - Vol.5**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 10ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. São Paulo: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2 - O Uso dos Prazeres**. São Paulo: Editora Graal, 2006b.



FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População – Curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUATTARI, Felix. Da **Produção de Subjetividade**. In: PARENTE, A. (org.) **Imagem Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual**. Rio de Janeiro: 34, 1999.

GUATTARI, Felix. **Caosmose: um Novo Paradigma Estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 7 ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1997.

MUSSO, Pierre. A **Filosofia da Rede**. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede - Novas Dimensões Filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2007.

VIRILIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.